

O ESPAÇO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ENTRAVES E POSSIBILIDADES¹

Juliana Pacífico²
Mariléia Mendes Goulart³

RESUMO

Este artigo apresenta um estudo de caso de tipo exploratório e natureza qualitativa. A coleta de dados foi realizada por meio de observação, entrevista com os professores, registros escritos e fotográficos. A amostra se constitui de um grupo de bebês de uma instituição da rede municipal de Jaguaruna. Tendo como tema o espaço na educação infantil. A pergunta que norteou a pesquisa foi: Qual a relação existente entre a organização do espaço e o processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças na educação infantil? Como objetivo geral estabelecemos: compreender a relação existente entre a organização do espaço e processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças na educação infantil. A partir deste objetivo, desdobramos os objetivos específicos: Identificar se o planejamento das professoras propõe pensar a organização do espaço. Listar as dificuldades encontradas em relação a organização do espaço na educação infantil para o grupo de bebês. Elencar como as professoras se instrumentalizam para pensar estratégias para o espaço. Investigar as estruturas físicas da creche para o desenvolvimento das crianças. Os dados permitiram perceber que, dependendo de como o espaço for organizado, as ações das crianças podem ser potencializadas ou limitadas, podendo interferir nos seus aspectos afetivos, cognitivos, comportamentais e motores. Que o papel do professor é primordial na construção e utilização deste espaço, dando voz e oportunidade para que as crianças possam participar da construção de todo o espaço, não somente da sua utilização.

Palavras-chave: Palavras-chave: Organização. Espaço. Professor. Educação Infantil.

Introdução

A temática deste artigo está focada no espaço da educação infantil, tendo inspiração a partir de minha experiência de estagiária no Centro de Educação Infantil Néria de Souza Marques, localizada na cidade de Jaguaruna.

¹ Juliana Pacífico, Acadêmica do Curso de Licenciatura em Educação Pedagogia, da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). E-mail: julianapacifico7@gmail.com

² Mariléia Mendes Goulart, Professor (a) do curso de Licenciatura em Educação em Pedagogia, da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). E-mail: marileia.goulart@animaeducacao.com.br

Observando as crianças em seu cotidiano, na creche, foi possível constatar que em alguns momentos a liberdade de movimento delas estava restrita, em função daquilo que o espaço apresentava.

Com base em pesquisas de autores, como: Simiano (2016), Agostinho (2003), Souto (2015), Horn (2001), Barbosa (2001), Camargo (2004), Cabanellas (2005), Lisboa (2019) sobre o espaço e as possibilidades que ele apresenta para o desenvolvimento das crianças, surgiu o desejo de aprofundar os estudos. As leituras iniciais me fizeram perceber que o espaço é um componente importantíssimo no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, e que é necessário ampliar o olhar sobre estes espaços, de modo, a construir, nas instituições de educação infantil, ambientes que promovam às crianças aventuras, descobertas, desafios, criatividade.

Nosso tema de pesquisa: **O espaço na educação infantil: entraves e possibilidades.** Como questão norteadora: Qual a relação existente entre a organização do espaço e o processo de desenvolvimento das crianças na educação infantil? O objetivo geral: compreender a relação existente entre a organização do espaço e processo de desenvolvimento das crianças na educação infantil. Como objetivos específicos: Identificar se o planejamento das professoras propõe pensar a organização do espaço. Listar as dificuldades encontradas em relação a organização do espaço na educação infantil para o grupo de bebês. Elencar como as professoras se instrumentalizam para pensar estratégias para o espaço. Investigar as estruturas físicas da creche para o desenvolvimento das crianças.

A pesquisa configurou-se num estudo de caso do tipo exploratório e natureza qualitativa. A amostra se constituiu de um grupo de bebês de um a dois anos e duas professoras que atuam com estes bebês, de uma instituição da rede municipal de Jaguaruna. A coleta de dados que foi realizada por meio de observação, duas tardes com o grupo de bebês, registros fotográficos e escritos, desses momentos e, questionário com questões abertas, com as professoras.

A partir das leituras e observações feitas, vamos firmando nosso entendimento de que o espaço é importante para o desenvolvimento dos bebês e que é necessário planejamento com intencionalidade, por parte dos profissionais que atuam na educação infantil, de modo a construir espaços que potencializem liberdade, criatividade e convivência.

Trataremos, no texto a seguir, conceitos sobre espaço e planejamento, por fim, análise dos dados e considerações finais.

2 Espaços na educação infantil para os bebês: algumas reflexões

É preciso inverter o olhar que se tem sobre a infância, pensar a infância a partir de uma outra lógica. A partir do que ela tem e não do que lhe falta. Como presença e não como ausência. Como afirmação e não como negação. Como força e não como incapacidade. Essa mudança de percepção vai gerar outras mudanças nos espaços outorgados à infância no pensamento e nas instituições pensadas para ela. (KOHAN, 2008, p. 41).

Neste capítulo, trazemos pressupostos teóricos de autores e pesquisadores que nos ajudam a pensar e ampliar nosso conhecimento sobre os conceitos de infância e crianças na atualidade, sobre a instituição de educação infantil como o lugar onde ela passa parte de sua existência e, ainda, a importância na organização do espaço nas instituições de educação infantil, compreendendo-a como um terceiro educador.

2.1 Infância e criança: espaços marcados para elas

Espaço é um componente importantíssimo no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, assim é importante pensar sobre ele, para aprofundar os estudos. Porém, historicamente, a estrutura interna das escolas e das instituições de educação infantil foram sendo organizadas de modo a separar as crianças por faixa etária, disciplinarizar corpos e estabelecer limites. Essas concepções foram sendo perpassadas por gerações, formando uma cultura pedagógica que se estrutura no cotidiano escolar. Para Lima (1989, p. 38):

O espaço escolar não poderia ser outro: desinteressante, frio, padronizado e padronizador, na forma e na organização das salas, fechando as crianças para o mundo, policiando-as, disciplinando-as. Em nome da economia, as soluções são mais comprometidas: a largura das passagens, dos corredores, das escadas reforçam a vontade permanente dos adultos colocarem as crianças em filas; as aberturas, pequenas, para impedir o acesso externo de estranhos servem também para impedir que as crianças se distraiam com o mundo externo. (LIMA, 1989, p. 38).

Temos sido desafiados a pensar as instituições educativas por outra lógica, onde as crianças possam ter liberdade para viver a infância. Nas sociedades

ocidentais, as crianças chegam cada vez mais cedo aos espaços de educação coletiva e permanecem em tempo cada vez mais ampliado, assim, não podemos negar que elas passam grande parte de suas infâncias nesses ambientes. Por essa razão, os ambientes precisam ser espaços que considerem as experiências, as necessidades e desejos das crianças.

Anterior a Constituição Federal de 1988 o atendimento às crianças de zero a seis anos de idade era visto apenas de forma assistencialista, voltado apenas para o aspecto do cuidado. Com o advento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96), o atendimento às crianças passou a ser assegurado, como a primeira etapa da Educação Básica. Nesse contexto, as crianças passam a ser percebidas em todos os aspectos.

Além desses dois documentos, em 1989, temos o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA/1989), estabelecendo a criança e o adolescente como sujeitos de direitos, prioritariamente, e para tal, cria políticas públicas, para garantir e assegurar o pleno desenvolvimento destes. Como está frisado em seu Art. 3º,

[...] criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta lei, assegurando-lhes, por lei ou por outros meios todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (BRASIL, 2014, p. 11).

Os documentos legais desta década e os estudos permitem pensar que para assegurar o desenvolvimento integral das crianças é necessária outra visão sobre a infância. Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, a criança é “Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos” (BRASIL, 2010, p. 12).

Nesse sentido, ao olhar para a criança, temos de ter uma imagem de infância de acordo com a concepção de mundo e de vida que acreditamos ser coerente com a contemporaneidade e com o que prescrevem as legislações e as pesquisas nesse âmbito. O cenário nos remete a uma criança e a uma infância, que tem um papel social e histórico, como sujeitos potentes e com capacidade para produzirem culturas.

Entendemos, assim, que as atitudes das crianças têm raízes nos contextos históricos-sociais e na coletividade.

E é dentro desta visão da criança como sujeito de sua própria história que o espaço passa a ser visto como um componente importantíssimo no processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, tornando-se primordial, pensar sobre ele.

Ao longo da história, as instituições de educação infantil eram organizadas de modo a separar as crianças por faixa etária, limitando espaços e disciplinarizando os movimentos infantis. Essas concepções foram sendo perpassadas por gerações, formando uma cultura pedagógica que se estrutura no cotidiano escolar. Para Lima (1989, p. 40), “Qualquer um que permanece sentado durante quatro horas, mesmo com pequenas interrupções, nas carteiras escolares espalhadas pelo Brasil, saberá à que tortura se submete a criança [...]”.

Trazemos para a reflexão a organização destes espaços da educação infantil, que acolhem, diariamente, crianças de creches e pré-escolas. É preciso que na organização do espaço da Educação Infantil, lugar que as crianças permanecem grande parte de sua infância, perpassasse um sentimento de acolhimento. Para Agostinho (2003), espaço nas instituições infantis dever ser,

Um ninho seguro, um lugar que a criança possa considerar seu, possa estar consigo mesma, num encontro íntimo com seus ritmos, pulsações e sentimentos. Um lugar em que ela tenha segurança e confiança, oportunizando sentido de pertencimento e lhe seja assegurada sua identidade pessoal. Enfim, que tenha direito a estar só, momentos de quietude, num encontro com o que lhe é mais profundo e íntimo, resguardada sua individualidade. (AGOSTINHO, 2003, p. 15).

Importante oportunizar nos espaços infantis, momentos diferenciados, organizados de acordo com as necessidades biológicas, psicológicas, sociais e históricas das crianças, considerando as necessidades relacionadas ao repouso, alimentação, higiene de cada criança, levando-se em conta sua faixa etária, suas características pessoais e, até mesmo, sua cultura e estilo de vida junto da família, como nos afirmam Barbosa e Horn:

Organizar o cotidiano das crianças da Educação Infantil pressupõe pensar que o estabelecimento de uma sequência básica de atividades diárias é, antes de mais nada, o resultado da leitura que fazemos do nosso grupo de crianças, a partir, principalmente, de suas necessidades. É importante que o educador observe o que as crianças brincam, como estas brincadeiras se

desenvolvem, o que mais gostam de fazer, em que espaços preferem ficar, o que lhes chama mais atenção, em que momentos do dia estão mais tranquilos ou mais agitados. Este conhecimento é fundamental para que a estruturação espaço-temporal tenha significado. Ao lado disto, também é importante considerar o contexto sociocultural no qual se insere e a proposta pedagógica da instituição, que deverão lhe dar suporte. (BARBOSA; HORN, 2001, p. 67).

A ação educativa na educação infantil, conforme a autora, requer pensar sobre a rotina, sobre as atividades de acordo com cada grupo de crianças, entendendo suas necessidades individuais e coletivas. Aponta ainda a autora, para o olhar atento e sensível do professor para reconhecer as várias linguagens que as crianças se utilizam, além da falada, para se manifestarem. Para se relacionarem com o espaço, com as materialidades, com os adultos e com as outras crianças, as crianças se manifestam, por meio do corpo, choro, riso, sons, traços, cores, teatralidade, histórias, brincadeiras.

Benjamin (1984) acrescenta, que a criança interage com os objetos sem importar-se com seus conceitos culturais, ela atrai-se por fragmentos do mundo em que vive. As crianças

[...] sentem-se irresistivelmente atraídas pelos destroços que surgem da construção, do trabalho no jardim ou em casa, da atividade do alfaiate ou do marceneiro. Nestes restos que sobram elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e só para elas. Nestes restos elas estão menos empenhadas em imitar as obras dos adultos do que em estabelecer entre os mais diferentes materiais, através daquilo que criam em suas brincadeiras, uma nova e incoerente relação. Com isso as crianças formam seu próprio mundo das coisas, mundo pequeno inserido em um maior. (BENJAMIN, 1984, p. 77).

É preciso, então, que o professor, conheça e entenda como as crianças se relacionam com o espaço e que esteja atento as suas interações. Nessa premissa, Maria da Graça Souza Horn (2004), nos faz refletir sobre a importância e a responsabilidade do educador na organização do tempo e do espaço:

O olhar de um educador atento é sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala de aula. O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com ele são reveladores de uma concepção pedagógica. Aliás, o que sempre chamou minha atenção foi a pobreza frequentemente encontrada nas salas de aula, nos materiais, nas cores, nos aromas; enfim, em tudo que pode povoar o espaço onde cotidianamente as crianças estão e como poderiam desenvolver-se nele e por meio dele se fosse mais bem organizado e mais rico em desafios. (HORN, 2004, p. 15).

Horn (2004) deixa explícito que no modo como o professor planeja suas aulas, na maneira como se relaciona com as crianças, na forma como organiza seus espaços na sala de aula, reflete a sua concepção pedagógica. Espaço e tempo que precisam ser ricos, diversificados, levando-se em conta o objetivo da Educação Infantil: promover o desenvolvimento integral das crianças. O espaço é transformado em lugar por aqueles que o habitam, nas relações, nos encontros, nas experiências vividas e sentidas nele. Um processo que implica pensarmos crianças e adultos vivenciando, convivendo seu tempo nos espaços concretos e imaginários da educação infantil, juntos constituindo-se sujeitos.

A importância deste olhar atento do professor, é sustentada ainda por Pandini (2015):

Sendo a creche o primeiro espaço de educação coletiva do ser humano, acreditamos ser necessário configurar-se em um espaço significativo, capaz de potencializar experiências. O espaço potencializa a educação. No entanto, é o olhar, a conversa, o toque, o sorriso, a brincadeira, as relações e as experiências que transformam o espaço da creche em lugar de viver a infância, não uma infância qualquer, mas inteira, completa, em plenitude. (PANDINI, 2015, p. 25).

Encontramos em Pandini (2015), reflexão para pensar que o espaço sozinho não traz sentido, mas, sim, as relações que se travam nesses lugares, ou seja, as crianças, e a interação delas com adultos e o ambiente, fazendo escolhas, tendo iniciativas, produzindo culturas. Na esteira dessa reflexão, trazemos, a seguir, alguns aspectos sobre como as crianças pequenas se desenvolvem e aprendem a partir do espaço e da intervenção delas e dos adultos sobre eles.

2.2 O espaço físico e sua relação com o desenvolvimento e aprendizagem das crianças pequenas

Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Manuel de Barros

As crianças pequenas se desenvolvem e aprendem a partir do espaço e da intervenção delas e dos adultos sobre eles. As creches e pré-escolas se configuram atualmente como primeiro espaço de educação coletiva do ser humano, assim, há que

ser um lugar rico de possibilidades, porque conforme, nos aponta Manuel de Barros, elas, as crianças e os adultos, tem urgência de ser feliz.

Para Horn e Barbosa (2001, p. 67), “organizar o cotidiano da educação infantil pressupõe, pensar, que o estabelecimento de uma sequência básica de atividades diárias é, antes de mais nada, o resultado da leitura que fazemos do nosso grupo de crianças.” Nesse sentido é importante que uma proposta pedagógica, levem-se em consideração as necessidades de cada criança, e o modo, como elas brincam, interagem com as materialidades, como elas ocupam os espaços e quais elas mais gostam. Além disso, o que elas produzem ou articulam nesses espaços.

É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista.

Os ambientes, organizados pelo professor, precisam se tornar lugares onde as crianças possam recriar novos limites, novas maneiras de organizar, representar ou representar, atuar com mesmos ou distintos materiais que respondam a suas ações das mais diversas formas, permitindo-lhes enriquecidos modos de relações sociais.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil:

As instituições de Educação Infantil devem tanto oferecer espaço limpo, seguro e voltado para garantir a saúde infantil quanto se organizar como ambientes acolhedores, desafiadores e inclusivos, plenos de interações, explorações e descobertas partilhadas com outras crianças e com o professor. Elas ainda devem criar contextos que articulem diferentes linguagens e que permitam a participação, expressão, criação, manifestação e consideração de seus interesses. (BRASIL, 2009, p. 6).

A forma de organizar o espaço e as atividades educativas deve promover as potencialidades, o desenvolvimento e aprendizagem das crianças a partir das interações, da vida, do movimento, da brincadeira entre outros, em que a concepção de currículo entenda a criança como um sujeito de direito e produtora de cultura.

Segundo Kramer (2007), “a proposta curricular e a proposta pedagógica são expressões correlatas e significam o caminho a ser trilhado coletivamente. O currículo desenvolvido dentro de uma instituição de Educação tem que ser vivo e dinâmico, está relacionado a todas as ações que envolvem as crianças no seu dia a dia, dentro das instituições de ensino”. Oliveira (2011) completa:

Construir uma proposta pedagógica implica a opção por uma organização curricular que seja um elemento mediador fundamental da relação entre a realidade cotidiana da criança – as concepções, os valores e os desejos, as necessidades e os conflitos vividos em seu meio próximo – e a realidade social mais ampla, com outros conceitos, valores e visões de mundo. Envolve elaborar um discurso que potencialize mudanças, que oriente rotas. Em outras palavras, envolve concretizar um currículo para as crianças. (OLIVEIRA, 2011, p. 183).

Corroborando com as ideias de Oliveira, Pandini (2015), relata que desde que a criança nasce, ela necessita de espaços que lhe ofereçam liberdade, movimentos, segurança e que possibilitem sua socialização com o mundo e com as pessoas que a rodeiam. Entendemos que os espaços devem ser organizados de forma a desafiar esses pequenos em todos os seus campos de desenvolvimento, pois cuidar e personalizar o ambiente é de suma importância para construir o desenvolvimento da independência e autonomia da criança.

As crianças têm o direito de crescer em lugares cuidados, agradáveis; a educação não pode eximir-se desse dever. A atenção à dimensão estética é um gesto pedagógico, dado que a busca do belo também pertence aos processos de pensamento das crianças. Nosso conceito a definir o “belo” é um filtro poderoso. Desperta diferentes sentimentos sobre o objeto enquadrado por nossa visão. Afeta relações, decisões, ambições, aferições. Permanece inconscientemente presente para qualquer lugar ao qual apontamos o olhar. (PANDINI, 2015, p. 90).

A autora apresenta um aspecto, importante que é a dimensão estética, também, apontada, nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, 2010, p. 18), como um dos princípios, que prevê, “a sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais.”

Para Paulo Freire (2011), “os princípios da ética e da estética implicam responsabilidade por si e pelo outro. Assim, o professor, precisa organizar e, pensar com intencionalidade, em seus planejamentos, com a boniteza, a alegria, a amizade, a sensibilidade, dinamizados nos espaços, de forma que resultem atitudes de empatia e cuidado entre as crianças”.

Um espaço que apresenta cuidado e boniteza é um direito das crianças. É necessário oportunizar então, lugares em que a emoção, a ludicidade, as várias formas expressão, artísticas e culturais, sejam manifestadas pelas pessoas que transitam nos espaços das instituições infantis. Segundo Lisboa (2019, p. 34), “Estética não está apenas no contato com uma obra de arte, ela perpassa a vida. Está

relacionada às sensações com o que nos relacionamos, aos sentidos que buscamos para as coisas e a liberdade que a experiência estética nos proporciona”.

Para a autora a estética permite interpretações subjetivas a partir das experiências pessoais de cada sujeito. Parafraseando a autora, o olhar para a estética na educação, por vezes, ainda é esquecido, para que os valores hegemônicos das classes dominantes, os conteúdos curriculares possam ser garantidos. No entanto, é preciso que busquemos outras formas de garantir, os direitos das crianças, pela arte, pelas várias linguagens, por espaços mais organizados e utilizados. Com esse olhar sensível para o que as crianças manifestam, e o que os espaços revelam, adentro a escola e sigo, para apresentação e análise dos meus achados.

3 Meus achados: um olhar para os espaços

Partindo da premissa que o espaço é importante para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças e que, o professor é o sujeito responsável em olhar para seus movimentos e articular para que elas vivam situações significativas dentro da instituição, além de compreender a relação existente entre a organização do espaço e o processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças na educação infantil, adentro o campo de pesquisa, onde procurei observar a interação das professoras e crianças, bem como, movimentos e preferências das crianças, relação entre crianças e adultos e o uso dos espaços.

O grupo alvo de minha observação se constituiu de quinze bebês de um a dois anos e duas professoras que atuam com estes bebês, de uma instituição da rede municipal de Jaguaruna.

Nos registros fotográficos apresento imagens dos espaços internos e externos. Também realizei questionários com as professoras que atuam nos mesmos grupos que observei. Na análise apresento primeiramente imagens dos espaços internos e em seguida as respostas das professoras.

3.1 Espaços internos

A sala de aula é o ambiente no qual as crianças permanecem a maior parte do tempo. Ali elas brincam, dialogam, interagindo com as professoras e os colegas,

observam o movimento ao seu redor, ouvem histórias, manipulam objetos, fazem o lanche, descansam.

Imagem 1 – A sala de aula



Fonte: Dados da pesquisadora, 2022.

A imagem registra as crianças interagindo, brincando, manipulando brinquedos, onde os colchonetes e tapetes fazem parte da brincadeira, viram estradas, obstáculos a serem vencidos, amortecedor de queda livre ou lugar de descanso. As crianças têm esta capacidade de criar, imaginar, por isso a falta de acesso livre aos brinquedos pelas crianças e a oferta de objetos como caixas de papelão, garrafas pets, latas entre outros, impede a sua liberdade de escolha, diminuindo as oportunidades para recriar brinquedos e brincadeiras. No entanto, embora o ambiente tivesse conotação infantil nos seus cartazes, mobílias e as crianças demonstrassem estar à vontade naquele lugar, foi perceptível a falta de individualidade de cada criança.

A imagem nos mostra também, que o espaço, pequeno, não apresenta materialidades diversas para que as crianças possam interagir com estes. Vemos que os cartazes estão a uma altura que os adultos possam enxergar, contudo, não está

condizente com a altura das crianças. Nas paredes não vemos atividades das crianças, bastante formatadas, como por exemplo, a tatuagem de suas mãos e pés nas paredes, registros de atividades feitas em papéis e espelho para que elas pudessem visualizar-se. Como afirma Simiano (2016, p. 04):

O espaço pode agradar aos olhos dos adultos, mas, muitas vezes, pode carecer da personalidade dos bebês que o habitam. Há instituições que parecem limpas, ávidas e com estruturas modernas, porém sente-se a falta de marcas pessoais, simbólicas e singulares do grupo que por elas é habitado.

Ficamos a pensar sobre o quanto nos falta pensar sobre a especificidade dos bebês e nos colocarmos no lugar deles ao pensar e planejar os ambientes das creches. Sobre esse aspecto, Guimarães (2008, p. 4) traz interrogações que nos desafia a pensar,

Ao analisarmos a relação entre adultos e crianças, é possível perguntar: o quanto o educador/adulto está atento para o cuidado de si, que não se restringe aos hábitos cotidianos de higiene, por exemplo, mas refere-se a um trabalho de atenção às próprias ações e emoções, reflexão sobre seus fazeres e intervenções?

A autora nos chama para estar com os bebês, e, estar, significa olhar, escutar, observar seus movimentos, porque seus gestos e expressões têm um valor. Esse olhar atento, possibilita, de fato, cuidar, potencializar o desenvolvimento e autonomia das crianças.

Outra imagem, capturada por mim, foi as crianças na janela. Ali é um lugar que elas gostam de ficar e olhar. Ali elas interagem, entre elas e com o ambiente externo.

Imagem 2 – A janela



Fonte: Dados da pesquisadora, 2022.

A busca pelo espaço livre, a descoberta, o encontro com o novo e o imaginário se retrata na constância com que as crianças brincam na janela. Solitárias ou em grupo elas observam os movimentos lá de fora, criam brincadeiras e interagem na janela, único empecilho entre elas e o mundo mágico que pode ser desvendado do lado de fora.

Ainda sobre o cuidado para com os bebês e sobre a organização do espaço, como um terceiro educador, Agostinho infere que “O espaço da instituição da educação infantil tem de propiciar um ninho seguro, um lugar que a criança possa considerar seu, possa estar consigo mesma, num encontro íntimo com seus ritmos, pulsações e sentimentos” (AGOSTINHO, 2003, p. 72).

É importante lembrar que um ambiente acessível gera sentimento de pertencimento nas crianças. Elas precisam saber o que existe por trás de cada porta, gaveta e prateleira, o que está disponível para ser acessado com autonomia e o local onde cada material deve ser buscado e guardado. “O espaço dessa perspectiva, representa um terceiro educador [...]. O espaço se transforma num lugar pelas marcas sociais e pessoais que os sujeitos vão lhe conferindo em suas relações” (SCHMITT, 2008).

Imagem 3 – Hora do lanche



Fonte: Dados da pesquisadora, 2022.

O lanche é feito na sala de aula, num cantinho onde fica uma mesinha com dois bancos onde as crianças se acomodam em dois grupos. As crianças têm autonomia em escolher o alimento de sua preferência, e já conseguem alimentar-se com autonomia, demonstrando bastante alegria e prazer no momento da alimentação.

No entanto, sobre a imagem acima, nossa análise, nos reportou, pensar que nos espaços de refeição, assim como, em nossas casas, devemos colocar uma toalha, flores, ou seja, precisam lembrar aconchego e boniteza, eles não precisam ser frios e desinteressantes.

Imagem 4 – Parque interno



Fonte: Dados da pesquisadora, 2022.

Este é um ambiente muito desejado pelas crianças. O convite para ir ao parque é recebido com muita euforia. As crianças sobem e descem dos brinquedos, correm ao redor deles e os brinquedos, além de serem bem coloridos, são ideais para o tamanho delas.

Assim, acreditamos que o espaço poderia ser bem mais aproveitado pelas crianças se não houvesse a cerca, retirando-a as crianças teriam mais liberdade para o movimento. A cerca limita o movimento das crianças. Sem este limite o espaço se tornaria mais amplo, poderia receber outros materiais para serem explorados, manuseados, onde as crianças pudessem brincar, criar e recriar suas brincadeiras sentindo-se, assim, mais estimuladas e independentes.

Sabemos que é no parque que acontecem, com maior intensidade, as relações, a busca do outro, as relações com seus pares, com os outros adultos; as crianças vão à busca do encontro, nas suas interações, suas trocas e ações. Encontros que acontecem nas brincadeiras mais simples e inusitadas, no espaço disponibilizado para a criação, para a liberdade.

É importante lembrar que o professor precisa organizar o espaço com novos desafios, como estruturas de espuma para subir e descer, túneis com cadeiras, mesas ou caixas de papelão. Nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil,

2009, está especificado que a criança é o centro do planejamento e que este precisam ser pensados de modo a mobilizar seu desenvolvimento e suas experiências.

A criança como centro do planejamento curricular é sujeito histórico e de direitos que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adultos e crianças de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere. Nessas condições ela faz amizades, brinca com água, ou terra, faz de conta, deseja, aprende, observa, conversa, experimenta, questiona, constrói sentidos sobre o mundo e suas identidades pessoal e coletiva, produzindo cultura. (BRASIL, 2009, p. 6-7).

Esse documento orienta um planejamento baseado em organizações que permitam as crianças expressar-se, criar, imaginar, por meio da brincadeira e, a partir daquilo que o espaço possibilita. Importante que educadores da educação infantil, sejam eles professores, estagiários ou equipe pedagógica, conheçam os aspectos mencionados para que haja disponibilidade de ampliação das experiências das crianças. Essa orientação também, sustenta os planejamentos dos espaços externos, que apresentaremos na sequência.

3.2 Espaços externos

O solário é um ambiente que as crianças avistam pela janela. As professoras afirmaram que as crianças gostam de ficar no solário, mas devido a rotina, não foi utilizado nos dois dias de observação. Desta forma, perde-se a oportunidade de ouvir os bebês, de dar visibilidade as suas expressões, suas individualidades, suas vontades, seus desejos e necessidades.

Imagem 5 – Solário



Fonte: Dados da pesquisadora, 2022.

Entende-se, que este ambiente, que deveria ser usado com constância pelas crianças, por ser um espaço privilegiado, deve ser entendido como um lugar rico para que as crianças assim explorem e usufruam dos diversos materiais oferecidos para brincar, explorar, criar novas possibilidades de desenvolver laços de amizade, compartilhar brinquedos e resolver conflitos, pois, o espaço físico além de contribuir para a realização da educação é, também, uma forma silenciosa de educar, como afirma Antônio Viñao Frago (1995, p. 69), quando se refere ao espaço físico, “este não é apenas um “cenário” onde se desenvolve a educação, mas sim, uma forma silenciosa de ensino”.

Imagem 6 – As casinhas



Fonte: Dados da pesquisadora, 2022.

Este é um outro espaço externo sem cobertura que as crianças costumam utilizar. Segundo as professoras, elas gostam bastante, mas devido a rotina, este ambiente é frequentado, apenas duas vezes por semana.

Os espaços externos não estão ocupando um lugar privilegiado, como um contexto importante que oferece ricas possibilidades às crianças, como elementos pedagógicos que se intensificam ainda mais por meio da intervenção do educador e que podem oferecer a criança um contato com a natureza.

As crianças precisam dos espaços externos, nele movimentam-se, criam lugares, outros jeitos de explorar, outras alturas para pular, outras óticas de ver e se posicionar no mundo, experimentar os ares. Nossa percepção é que o parque externo deveria ser mais explorado e utilizado pelas crianças para que tivessem mais oportunidades interação e de movimento, apropriando-se do espaço, da realidade e da fantasia, com o mundo das coisas, das pessoas, dos sonhos. Embora saibamos “que o lugar, por si só, não qualifica a educação, mas entendemos que é a partir dele que a criança amplia seu repertório cultural e garante seu desenvolvimento” (SOUZA; HERNADES; SILVA, 2016, p. 177).

A área externa está sendo invisibilizada, com poucos brinquedos e, em alguns casos, extremamente limitada, realidade diferente do que versam os Indicadores de Qualidade na Educação Infantil (2009) A área externa pode ser utilizada tanto para

momentos de brincar livre quanto para momentos que possuem atividades direcionadas pelos educadores, visto que “o espaço externo é rico para o olhar curioso das crianças, que gostam de colecionar pequenos bichinhos, pedras, folhas e cascalhos [...]” (BRASIL, 2012, p. 33).

Nos dois dias que estive na instituição para fazer o registro das imagens, também pude perceber como se dá a rotinas das crianças. Percebi que as crianças são recebidas com bastante carinho, na entrada recebem um brinquedo e são conduzidas para um tapete ou o colchonete, ali elas interagem com outras crianças e com os brinquedos. Ora as ações são individuais e ora em grupo. Após o lanche as crianças recebem outros brinquedos e continuam a brincar. Mais tarde, elas recebem a janta, em seguida fazem a higiene e a troca de fraldas.

Nos dias em que estivemos no campo de pesquisa percebemos a rotina das professoras foi organizada sem previsão de momentos diversificados e enriquecedores, sem alternar atividades realizadas no interior da sala com os espaços externos, sem uso de cores, texturas, tamanhos, formas e temperaturas, valorizando apenas o ambiente da sala, os poucos brinquedos, o parque interno e o uso da tv, se apresentando de forma a engessar, delimitar o tempo e o espaço, limitando o envolvimento e o desenvolvimento das crianças.

Cabe aqui uma reflexão sobre o uso excessivo da tv. Ao invés de assistir o programa da Dora Aventureira , poderiam brincar de caça ao tesouro, ultrapassar obstáculos, descobrir cores, folhear livros entre tantas outras atividades lúdicas, reais, onde poderiam experimentar, descobrir, construir aprender e se divertir muito. Ao invés de assistir na tv os programas da Galinha pintadinha ou Patati Patati, as crianças poderiam estar usando o corpo, cantando e fazendo gestos, batendo palmas, rolando, abaixando e levantando. Pois, acredita-se que, a música, também, pode ser considerada uma verdadeira “linguagem de expressão”, parte integrante da formação global da criança influenciando no desenvolvimento dos processos de aquisição do conhecimento, sensibilidade, sociabilidade e criatividade. Como afirma Brasil:

Ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos, jogos de mãos etc., são atividades que despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de atenderem a necessidades de expressão que passam pela esfera afetiva, estética e cognitiva. Aprender música significa integrar experiências que envolvam a vivência, a percepção e a reflexão, encaminhando-as para níveis cada vez mais elaborados. (BRASIL, 1998, p. 47).

Pensa-se que o uso excessivo da tela pode causar muitos transtornos aos bebês e impactá-las ao longo da vida. Segundo a OMS “brincar mais, dormir melhor e passar menos tempo em contato com telas são os passos apontados para desenvolver hábitos saudáveis ainda na infância”. Segundo o documento, menores de 2 anos não devem ter contato com telas; entre 2 e 5, podem assistir à televisão por até uma hora por dia. A publicação ainda sugere leitura e apresenta o tempo de sono recomendado por faixa etária.

Acreditamos que a rotina escolar não pode ser tratada de uma forma mecânica, pelo contrário, toda atividade desenvolvida e os horários e espaços determinados para a realização das ações devem ser planejadas visando favorecer o trabalho pedagógico e as necessidades das crianças. Como afirma Barbosa:

O cotidiano de uma Escola Infantil tem que prever momentos diferenciados que certamente não organizarão da mesma forma para crianças maiores ou menores. Diversos tipos de atividades envolverão a jornada diária das crianças e dos adultos; o horário da chegada à alimentação, a higiene, o repouso as brincadeiras – os jogos diversificados – como o de faz de conta, os jogos imitativos e motores, de exploração de materiais gráfico e plástico – os livros de história, as atividades coordenadas pelos adultos e outras. Todos os momentos, sejam eles desenvolvidos nos espaços abertos ou fechados, deverão permitir experiências múltiplas, que estimulem a criatividade, a experimentação, a imaginação, que desenvolvam as distintas linguagens expressivas e possibilitem a interação com outras pessoas. (BARBOSA, 2001, p. 68).

Assim, reconhecer a criança como ser social, histórico de direitos é permitir que essas crianças se constituam sujeitos, participando na construção de sua própria história. Tem que existir uma rotina sim, mas não uma rotina mecanizada como foi demonstrada por meio das percepções ponderadas das professoras na instituição pesquisada, nesta rotina o espaço poderia ter sido utilizado de uma forma mais ampla, buscando oferecer momentos diversificados e mais prazerosos para as crianças, como caminhar no pátio interno, brincadeiras cantadas, manuseio de livros, ouvir histórias, explorar outras formas de brinquedos, jogos e materiais como caixas de papelão.

3.3 A narrativa das professoras

Como mencionado, no percurso metodológico, foi solicitado às professoras que atuam nos grupos observados, para que respondessem algumas questões, de modo,

a entender um pouco mais sobre a organização destes ambientes. O questionário foi enviado via forms e contemplou nove questões. Na sequência apresento síntese das respostas.

As professoras optaram por responderem o questionário em conjunto, assim, teremos uma única resposta para cada pergunta. Inicialmente questionamos sobre a formação delas, que serão identificadas por professora 1 (P1) e professora 2 (P2).

Os dados mostram que a professora 1 tem formação em Pedagogia, Pós Graduação em Neuropsicopedagogia e Educação Especial, atua há 10 anos na educação, na educação infantil há 5 anos: com crianças bem pequenas por 2 anos, com a Pré-Escola por 2 anos, com os bebês há um ano. Que a professora 2 tem formação em Pedagogia, Pós Graduação em Interdisciplinaridade na educação infantil, séries iniciais e educação especial, atua na educação infantil há 10 anos: com Pré-Escola por 8 anos, com bebês há 2 anos.

As questões seguintes foram voltadas para o planejamento. Assim questionou-se: A Secretaria Municipal disponibiliza materiais de apoio e/ou documentos que subsidiem o planejamento? Se sim quais são eles?

Nas suas narrativas as professoras afirmam que a Secretaria Municipal disponibiliza a BNCC, os Parâmetros Curriculares e as Diretrizes como materiais de apoio para subsidiar o planejamento. Ficamos intrigadas pelo fato de mencionarem os Parâmetros Curriculares, pois eles já deveriam ter sido substituídos pelos demais documentos citados, já que a BNCC procura superar as fragmentações das políticas educacionais, a partir do fortalecimento do regime de colaboração entre as esferas do governo e está alinhada a uma política educacional de formação continuada e comum de professores, com a padronização de avaliações externas, mas talvez eles ainda sejam um alicerce para o grupo.

Ao perguntarmos, como elas organizam ou escolhem os campos de experiência apresentados na BNCC para o grupo de bebês que lecionam. Elas afirmaram receber orientações da ATP (Assistente Técnico Pedagógica) da CEI e que acompanham a lista dos conteúdos do planejamento, tendo como base a BNCC, especificamente nos campos de experiência e no desenvolvimento de habilidades. Em nossa análise lembramos que tanto nas DNEIs/2010, quanto na BNCC/2019, não há menção para a abordagem de conteúdo na educação infantil.

Entendemos que o espaço é um terceiro educador e que precisa ocupar lugar central no planejamento, por isso, questionamos este ocupa lugar no planejamento. A

resposta foi afirmativa, justificando que conseguem realizar atividades porque têm lugares cobertos (para dias de chuva) e abertos (para dias ensolarados) ou conforme a necessidade da atividade.

Entendemos que as professoras compreendem que a BNCC é uma base estruturada a partir de direitos da criança e campos de experiência e que tais direitos implicam maior centralidade nas interações e brincadeiras, mas na prática, talvez pelas dificuldades apresentadas em algumas das narrativas das professoras, muitos destes direitos estão sendo violados, como os de brincar, participar, e, principalmente, o de explorar e se expressar, impedindo ou dificultando nas ações das crianças a sua capacidade de aprender.

Ainda sobre o planejamento, perguntamos: Na instituição há um tempo/espço pensado para o planejamento coletivo? Como ele ocorre? Ele acontece de modo, individual ou coletivo? Você sente dificuldade na realização e efetivação do planejamento?

Segundo as duas professoras, o planejamento acontece de forma individual entre as professoras de turma e, de forma coletiva também, semestralmente. Que sente algumas dificuldades na realização e efetivação do planejamento, pois as crianças são muito ativas, e, que seria necessário mais profissionais para a concretização das atividades.

Apresente por ordem de prioridade as dificuldades encontradas em relação a organização do espaço na educação infantil para o grupo de bebês. As professoras afirmaram, que a maior dificuldade está na falta de limite e padrões de comportamento nas crianças, a segunda dificuldade está na demora com que os diagnósticos de saúde das crianças são liberados, em terceiro lugar está a dificuldade no cotidiano, pela convivência em grupo, como quarta dificuldade as professoras indicaram a quantidade alta de crianças por turma e como última dificuldade elas apresentaram a escassez de profissionais para a realização das atividades.

Foi possível constatar nas respostas acima, que as professoras sentem muitos entraves no seu cotidiano. Nos causou estranhamento que as professoras apontaram como maior dificuldade falta de limite e padrões de comportamento, porque tratamos aqui de bebês. O que seria padrão de comportamento nessa idade? Que comportamentos padrões eles deveriam ter? Essa resposta indica uma necessária formação para compreender que na educação infantil os princípios são brincar, interagir e, nosso compromisso é desenvolver as potencialidades das crianças.

E que, se faz necessário buscar auxílio com a equipe gestora, no intuito de encontrar meios de melhorar a convivência em grupo e garantir o diagnóstico das crianças.

Perguntamos sobre a relação existente entre a organização do espaço e processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças na educação infantil. Ambas afirmaram que é uma relação primordial que promove interpelações e brincadeiras alicerçadas nos campos de experiência da BNCC, desenvolvendo limites, organização e rotina. O que vem de encontro com o que afirma Brasil:

[...] a brincadeira é sempre considerada, com um sentido de brincar de qualidade. Para educar crianças pequenas, que ainda são vulneráveis, é necessário integrar a educação ao cuidado, mas também a educação ao cuidado e a brincadeira. Tal tarefa depende do projeto curricular, um documento orientador das práticas cotidianas, das programações diárias que acompanham a vida das crianças e que ampliam gradualmente suas experiências em todo o período de vivência e precisa ser construído pela equipe junto com as crianças e seus familiares. O brincar e as interações devem ser os pilares da construção deste projeto curricular. (BRASIL, 2012, p. 12).

Então, comparando as respostas com a prática, constatamos que nas suas narrativas as professoras demonstram compreender a importância do uso e da organização do espaço no desenvolvimento da criança. No entanto, na prática, não demonstraram oportunizar às crianças vivenciar a relação com seus pares e com o mundo à sua volta, ofertando tempo e espaço para que elas convivam, brinquem, participem, explorem, se expressem e se conheçam.

Considerações Finais

Com os estudos feitos pode-se perceber que por muito tempo os espaços destinados às crianças eram locais que apenas cuidavam delas, fornecendo uma educação voltada para a submissão e ainda hoje são perceptíveis as suas marcas, pois as concepções presentes na ação das professoras e na organização dos espaços na educação infantil, ainda não dão visibilidade às reais necessidades das crianças, porque não se vê diversidade de linguagens e materiais para que as crianças possam desenvolver todas as suas potencialidades.

Sabe-se que os avanços na legislação brasileira e as pesquisas realizadas na área foram constituindo as mudanças na concepção de Educação Infantil no Brasil.

Fazendo com que a compreensão de criança como sujeito de direito e produtora de cultura fosse se estabelecendo.

No entanto, apesar de todo o avanço, ainda se percebe nas creches, que a organização dos espaços não contempla, totalmente, as necessidades da infância, falhando por vezes no uso adequado destes espaços, na diversidade das atividades que eles podem proporcionar para desenvolver todas as potencialidades das crianças.

Pois, somos sabedores que dependendo de como o espaço for organizado, as ações das crianças podem ser potencializadas ou limitadas, podendo interferir nos seus aspectos afetivos, cognitivos, comportamentais e motores.

Que o papel do professor é primordial na construção e utilização deste espaço, dando voz e oportunidade para que as crianças possam participar da construção de todo o espaço, não somente da sua utilização. Possibilitando às crianças expressar seus pensamentos, seus desejos, desagradados, deixando sua marca por todo o espaço, expondo suas criações individuais e coletivas, tornando-se atores sociais, compartilhando suas ações, interagindo e se construindo sujeitos.

Mas, infelizmente, é possível constatar, que os professores, principais idealizadores destes espaços, ainda engessam os movimentos das crianças, que precisam do seu espaço e de bastante espaço para se desenvolver adequadamente.

Pois, a partir dos dados coletados e das análises feitas foi possível perceber que, no planejamento apresentado pelas professoras não há evidência da organização do espaço, nem mesmo, das materialidades, mas, apenas em cumprirem uma rotina, não sendo levado em consideração que a organização do ambiente deve envolver atividades e situações que sejam significativas e desafiadoras. Que as dificuldades encontradas, em relação a organização do espaço, parecem estarem ligadas a organização do tempo para utilizar estes espaços e na deficiência de recursos. Recursos, estes, que auxiliariam a instrumentalização das estratégias das professoras, proporcionando uma melhor ação pedagógica. Apesar, de apresentar poucos recursos estruturados para as crianças bem pequenas, o espaço da creche apresenta-se amplo e diversificado, podendo ser favorecido com a utilização de recursos não estruturados.

Não se pode aqui, culpabilizar, unicamente, as professoras, pois compreende-se que para alcançar uma mudança de concepção, se faz necessário que todos os sujeitos da educação estejam envolvidos, precisando que se mobilize a formação continuada e a disponibilização de recursos adequados para os bebês.

Neste sentido, pensamos que à professora da Educação Infantil cabe reconhecer a seriedade das trocas que ocorrem nos espaços oferecidos, compreendendo-os como um fator essencial na vida das crianças, tomar consciência da importância de ofertar espaços ricos de informações na vida delas, repensar sobre este espaço e o que ele propõe, planejando-os e pensando-os como imprescindíveis para o desenvolvimento de cada uma de nossas crianças.

Finalizando, acreditamos que as possibilidades não se esgotam, aqui, pois é na busca das respostas que se encontram outros questionamentos, e, que devemos apostar na mudança de concepção e no envolvimento de todos os sujeitos deste processo, como os sistemas de educação e as gestões das instituições, na disponibilidade de recursos que possibilitem formação continuada, incentivo aos professores e materiais adequados, e, que possam ser desenvolvidas ações para a construção de uma organização adequada dos espaços na educação infantil.

Referências

AGOSTINHO, K. A. **O Espaço da Creche:** que lugar é este?. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. **Educação Infantil.** Pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 67-79.

BENJAMIN, W. **Reflexões:** A Criança, O Brinquedo, A Educação. 3. ed. São Paulo, SP: Summus, 1984.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEF, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil.** Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. Comissão de Educação Básica. **Parecer CNE/CEB nº 20, de novembro de 2009.** Trata da revisão das Diretrizes curriculares da educação Infantil. Brasília, DF: MEC/CNE/CEB, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Brinquedos e Brincadeiras de Creche:** Manual de Orientações Pedagógicas. Brasília: MEC, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil**. Secretaria da Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2009.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHAVES, M. M. **Concepção de currículo na educação infantil**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Formação de Profissionais na Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2014.

CAMARGO, P. Desencontros entre Arquitetura e Pedagogia. **Revista Pátio Educação Infantil**, Porto Alegre, ano VI, n. 18, p. 44-47, nov. 2008.

CABANELLAS, I.; ESLAVA, C. (Coord.). **Territorios de la infancia**: diálogos entre arquitectura y pedagogía. Barcelona: Grao, 2005.

CARVALHO, J. N.; BROSTOLIN, M. M. R. As crianças como atores sociais no espaço/tempo da creche: um olhar pela sociologia da infância. **Nuances**: Estudos sobre Educação, Presidente Prudente, v. 28, n. 3, p. 287-305, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2011.

GUIMARÃES, D. No contexto da creche, o cuidado com a ética e a potência dos bebês. IN: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 31., 2008, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu, MG: ANPED, 2008.

HORN, M. G. S. **Sabores, cores, sons, aromas – A organização dos espaços na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KOHAN, W. O. Infância e filosofia. In: SARMENTO, M.; GOUVEA, M. C. S. (Org). **Estudos da infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LIMA, M. S. **A cidade e a criança**. São Paulo: Nobel, 1989.

LISBOA, A. C. L. **Processo de documentação pedagógica em uma experiência formativa na educação infantil**: um olhar para a dimensão estética. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2019.

SOUTO, D. L.; GIL, G. F.; SAITO, H. T. I. A organização do espaço na educação infantil: algumas reflexões. IN: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 12., 2015, Paraná. **Anais [...]**. Paraná: EDUCERE, 2015.

SIMIANO, P., L. Transver o mundo: um olhar sobre o lugar dos bebês no espaço da creche. **Revista Zero-a-seis**, Florianópolis, v. 18, n. 33, p. 22-33, jan./jun. 2016.

SIMIANO, P. L. **Colecionando pequenos encantamentos – A documentação**

pedagógica como uma narrativa peculiar para e com crianças bem pequenas. 2015.
Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.